

## **Primeiros Olhares: Antropologia e Comida em uma Comunidade Negra Rural em São Lourenço do Sul/RS.**

**BONIFÁCIO, André Luiz Alves<sup>1</sup>; MENASCHE, Renata<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – Curso de graduação em Antropologia Social e Cultural;

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – Departamento de Antropologia e Arqueologia. Endereço eletrônico: andrebonifacio89@gmail.com; renata.menasche@gmail.com

### **1 INTRODUÇÃO**

É de conhecimento universal intrínseco a todas as espécies, seja animal ou vegetal, que o fator da alimentação se fundamenta como uma das características básicas para a vida terrestre. É nos alimentos que encontramos o valor nutritivo necessário para suplantar o gasto energético que exige o cotidiano da experiência existencial, regulando assim o aparato biológico.

Quando observamos mais atentamente os alimentos ingeridos pela espécie humana, verifica-se que o alimento, que pode ser encontrado disposto na natureza, ao entrar em contato com o ser humano passa por processos de mudanças que o transformam em comida (DA MATTA, 1987). Mas pensar a comida como sendo nada mais nada e menos do que preparação dos alimentos, é simplesmente obscurecer toda a complexidade que envolve essa arte. Nesse sentido, estudos de cunho científicos, nutricionais, gastronômicos, sociológicos, antropológicos e outros, são instrumentalizados com os mais diversos aparatos teóricos e metodológicos para abordar sobre a temática da alimentação, exigindo estar sempre se atualizando conforme as dinâmicas da contemporaneidade se quiserem produzir algum conhecimento.

Nesses dois parágrafos acima é que começo a evidenciar um pouco o tema da minha pesquisa, que envolve estudos de antropologia e alimentação. Posteriormente apresentarei as minhas observações e interpretações sobre o recorte da minha pesquisa de campo exploratório, que está sendo realizada com grupos quilombolas que vivem no município de São Lourenço do Sul no estado do Rio Grande do Sul, mas antes algumas colocações ainda se fazem pertinentes para iluminar e entender um pouco melhor o nosso sujeito, operacionalizado nesta pesquisa antropológica. Como coloquei anteriormente nós, o ser humano, diante de um alimento pode transformá-lo nas mais diferentes comidas, porém, um olhar mais atento, perceberá que há toda uma circunstância que envolve todo o processo do alimento para a comida, que transcende apenas a capacidade de pontuar isso como base na necessidade técnica, e nós, que utilizamos o viés antropológico, gostamos de observar como é o papel cultura e do cultural nestas etapas dinâmicas.

O conceito de cultura - ou como eu gosto de chamar, o macro-conceito de cultura - é muitas vezes um termo delicado e laborioso de se tratar, e que, embora não se encontre como objetivo dessa pesquisa, se fossem explicar aqui os seus pormenores desprenderia no tempo toda uma vida de pesquisa, e mesmo assim não se chegaria a um nível objetivo, tamanha é subjetividade que envolve esse conceito que “provavelmente nunca terminará, pois uma compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana” (LARAIA, 1986: 33).

Neste trabalho, em especial, tomo emprestado o conceito de cultura marcado pelo antropólogo Clifford Geertz, que percebe a cultura como um texto a qual o ser

humano está mergulhado (Geertz, 1973), onde há envolvido vários contextos cheios de significados expressos por representações simbólicas. No meu caso, neste trabalho, o olhar sobre o prisma da cultura na comida dos grupos quilombolas me revelou até agora – e revelará mais com o continuar da pesquisa – um pouco suas representações como: identidades, territorialidades, religiosidades, família e parentesco.

## 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Uma das premissas da pesquisa antropológica se finda no desejo de conhecer o universo investigado em sua vivência, por um período de tempo razoavelmente longo, em que se possibilite uma relação direta e pessoal com o sujeito de estudo (VELHO, 1987). No caso do coletivo étnico quilombola, objeto de investigação deste trabalho, localizada na região rural da cidade de São Lourenço do Sul – Rio Grande do Sul, colocou-se a necessidade de questionar o ambiente do outro - exótico em comparação ao meu cotidiano urbano - conduzindo-me a examinações sobre ângulos até então novos diante do meu olhar de jovem estudante de graduação em Antropologia, onde tive toda uma precaução em dar atenção a determinadas relações e situações, tentando perceber a lógica das relações sociais e culturais ali vivenciadas. Este exercício de questionamento provoca uma mudança no ponto de vista do observador (DA MATTA, 2010) participante, pois, ao tentar entender e registrar o universo investigado, a própria subjetividade deste se encontra presente naquela experiência.

A partir da análise do modelo conceitual de cultura seguido por Geertz <sup>1</sup>, ou seja, o conceito semiótico, no qual o homem tece a rede de significados que ele mesmo se encontra atrelado (GEERTZ, 1973), percebe-se que nesse coletivo negro rural, há uma rede de significados e classificações próprias ou nativas.

Na condição de pesquisador que desempenhei, em com base em tal idéia conceitual de cultura, procurei não observa-los de modos como essas famílias se comportam em sociedade, assim como me afastei de alguns estigmas de ordem exterior, para que pudesse encontrar caminhos para interpretar a cultura do *outro* e entender seus significados próprios. Significados esses que lhe são peculiares à essas pessoas em suas redes de sociabilidades, sejam nos ambientes interiores e exteriores que essas pessoas transitam.

Por exemplo, no simples fato de uma liderança da comunidade de insistir em amostrar-nos um livro sobre os direitos dos quilombolas, revela a importância de sua identidade que fora reconhecida como um cidadão, um sujeito de direito gerais e específicos, em relação a uma de suas representações em um espectro social e político mais amplo. Imbuído da perspectiva interpretativa, no caso concreto, pode-se perceber que o reconhecimento dessa sua identidade, na análise realizada no olhar antropológico, significa um orgulho pertencer a identidade quilombola, que se tornou uma questão valorizada recentemente na sua cultura, ou na própria palavra deles “foi um conquista”.

A densidade da descrição antropológica, conforme assevera Geertz, consiste nesta descrição mais detalhada e a partir da interpretação da rede de significados que o outro estabeleceu. Foi como se procurou enfatizar na pesquisa realizada, ao entender os seus modos de vida, suas técnicas e métodos em

<sup>1</sup> GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas, RJ: Zahar, 1973.

particular, que significa compreender os motivos determinantes de seus comportamentos, na sua realidade, e suas relações de sociabilidade e interações com o ambiente onde vivem e transitam.

Certamente o modelo de interpretação, descrito por Geertz, envolve um olhar atento e que busque através de adivinhações, entender os significados que não se mostram num primeiro momento, e se demonstram através da imaginação do que o outro quer nos apresentar, o que deixa por detrás do véu do seu pensamento, do seu olhar, que conduzem o pesquisador à interpretação desse plano abstrato e invisível, para tanto a proposição não foi fazer a etnografia dos moradores negros rurais/quilombolas, mas com os moradores negros rurais/quilombolas.

Para a concretização deste trabalho, foram realizadas conversações com moradores locais, anotações em diário de campo, bem como a revisão bibliográfica sobre teoria antropológica e antropologia da alimentação. Ao longo do processo, tentou-se adotar uma atitude relativista (OLIVEIRA, 2006) – inerente à antropologia – e perceber a realidade mais ampla da sociedade no local, mais especificamente na zona rural da cidade de São Lourenço do Sul/RS, extremo-sul do Brasil, com esse coletivo étnico.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como foi antecipado no primeiro tópico (*1 Introdução*), o recorte deste trabalho se baseia na descrição sobre algumas comidas e as pessoas que produzem essas comidas. Que utilizando dos seus saberes e fazeres tradicionais revela um pouco sobre a sua sociedade e cultura, pois de certo modo mais geral “o homem se alimenta de acordo com a sociedade a que pertence. Sua cultura define as opções sobre o que é comestível e as proibições alimentares, eventualmente os distingue de outros grupos humanos”(GARINE, 1987).

No trabalho etnográfico de observação participante, em nossa primeira visita de modo preliminar, além das abordagens sobre o que consiste o projeto de pesquisa<sup>2</sup> e sobre o nosso propósito como pesquisador, iniciamos, ainda naquela primeira abordagem, para que ao longo da continuidade da pesquisa que eles nos contassem um pouco, e aos poucos, sobre suas práticas alimentares e comidas típicas que preparam.

Sabíamos, a partir de algumas narrativas contada para a pesquisadora Carolina Vergara<sup>3</sup> - integrante do grupo de pesquisa e parceira que tem me auxiliado na minha introdução a este campo de pesquisa - em uma outra oportunidade, que lá, nesta região que concentra essas comunidades rurais, há ou já houve a confecção do “bolo de pedra”, um bolo tradicional assado na pedra. Ao serem indagados sobre a produção do bolo de pedra, na narrativa rememorada das pessoas pertencente ao coletivo estudado, há referência da produção feita pelos “antigos”, ou seja, pelos ancestrais dessas pessoas, e que atualmente não está se fazendo. No entanto uma de nossas informantes, durante a conversação, revelou que antigamente ela fazia o “famoso bolo de pedra”, e que não se faz mais, mas que ao lembrar com certa

---

<sup>2</sup> Projeto de Pesquisa: Cultura, patrimônio e segurança alimentar entre famílias rurais: etnografias de casos significativos (Projeto CNPq nº 559565/2010-0).

<sup>3</sup> Carolina Vergara Rodrigues (<http://lattes.cnpq.br/1058220407180790>). Faz parte do Grupo de Pesquisa e Estudo em Alimentação e Cultura.

nostalgia do passado, se animou em preparar especialmente para nós o bolo de pedra tradicional.

Somente na abordagem sobre como era feito o bolo de pedra, permite ao pesquisador colocar que esta comida, mesmo ela não estando sendo mais feita presentemente, foi uma das características que exprimiu e destacou uma identidade que tem suas referências com passado, que mantinha também uma vinculação muito forte com o contexto da refeição familiar (DA MATTA, 1987), já que os mais anciões da comunidade lembram que o bolo era feito ali com certa frequência. Talvez apreciar esta receita histórica num outro contexto mais atual seria, para eles, relembrar as memórias do passado. Neste momento da comensalidade o nutrir-se não fica preso somente ao aparato biológico, a ingestão da comida especial também nutri o imaginário e significados partilhado pelas representações coletivas (MACIEL, 2001) o que pode por em prova que o “ato de comer cristaliza estados emocionais e identidades sociais” (DA MATTA, 1987).

A nossa segunda oportunidade de visita ocorreu justamente em um feriado cristão, no caso era a Sexta-Feira Santa ou Sexta-Feira da Paixão, uma data cristã que lembra o julgamento, paixão, crucificação, morte e sepultura de Jesus Cristo, através de diversos ritos religiosos cristãos, dentre eles a pratica alimentar neste dia sofre mudanças, onde deve se abster da ingestão de carnes vermelhas e adotar uma refeição relativamente simples à base de peixe. E foi o que presenciamos no dia dessa nossa visita, as famílias quilombolas preparando o peixe que seria consumido no almoço daquele dia, e também durante as outras refeições. Diante dessas posições, por associação, julguei que esse coletivo étnico segue, seja rigorosamente ou não, alguns ritos que os relacionem com a religião cristã. Mais uma vez, aquela comida atípica em relação ao cotidiano da alimentação, demonstra respeito ao levar em consideração os aspectos práticos e simbólicos que a envolve (GARINE, 1987).

Nesta mesma Sexta-Feira Santa, já na casa de outra família, no inicio das nossas conversações foi oferecido para nós (Carolina e eu) que adentrasse ao circulo do chimarrão, que é preparado com a planta psicoativa *ilex paraguarienses*, conhecida popularmente como erva-mate. Nessa “mateada” próximo ao horário do nosso almoço, feita na casa de uma liderança quilombola, a erva-mate serviu, através da reciprocidade e suas trocas simbólicas (MAUSS, 2011), como um elemento importante na construção e no fortalecimento das relações sociais, no caso, na relação entre pesquisador e pesquisado.

#### 4 CONCLUSÃO

A produção deste texto faz parte de um amplo projeto de pesquisa, coordenado pela professora Renata Menasche, da qual fazem parte outros acadêmicos vinculados também ao Grupo de Pesquisa e Estudos em Alimentação e Cultura da UFPel, e atualmente encontra-se em andamento.

Como integrante do grupo de pesquisa, atualmente minha área se concentra em estudos de comunidades rurais negras e alimentação. Neste resumo expandido foi revelado algumas contextualizações antropológicas baseadas nas coletas de dados empíricos. A formatação do meu campo ainda tramita em busca de um fortalecimento em vários sentidos, mesmo porque ainda se encontra em sua etapa inicial. Foram apenas duas visitas formais com esse grupo, o que dificulta por hora adentrar mais profundamente no meu tema de pesquisa.

## 5 REFERÊNCIAS

- GEERTZ, Clifford: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1973
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2001.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2011
- DA MATTA, Roberto. O trabalho de Campo como um Rito de Passagem. Relativizando: uma Introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. Capítulo 2, p. 150-173.
- DA MATTA, Roberto. Sobre o simbolismo da comida no Brasil. **O Correio da Unesco**, Rio de Janeiro, v.15, n.7, p.22-23, 1987.
- GARINE, Igor de. Alimentação, culturas e sociedades. **O Correio da Unesco**, Rio de Janeiro, v. 15, n.7, p.4-7, 1987.
- MACIEL, Maria Eunice. Cultura e Alimentação ou o que tem a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.7, n.16, p. 145-156, 2001.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Os Argonautas do Pacífico Ocidental. **Ethnologia**, n.s, nº 6-8, p. 17-37, 1997.
- MINTZ, Sidney W. Comida e Antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.16, n.47, p.31-41, 2001.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. **O Trabalho do Antropólogo**. São Paulo: Unesp, 2006. Capítulo 1, p. 17-35.
- VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. **Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1987. Capítulo 9, p. 121-132.